

O Deus que dá vida

7 de agosto de 2018

O texto da presente análise, provavelmente, fez parte, em seu estado inicial, de uma coleção de narrativas acerca do profetas como aqueles descritos nas próprias perícopes do livro de Reis (cf. 2Rs 2.1-18; 4.38-41; 6.1-7).¹ Há discussões que faziam parte da compilação original e quais circularam de forma avulsa, até serem todas reunidas posteriormente.² A comprovação bíblica do envolvimento do movimento profético com o registro da história de Israel (cf. 1Cr 29.29; 2Co 1.19) mostra coisas: um interesse pela história e a crença de que o fracasso em viver à altura dos princípios teológicos estabeleceu a nacionalidade”.⁴

Assim, não há qualquer fundamento para considerar o texto da narrativa de 1Reis 17.8-24 como um conto lendário que não ser mediante o preconceito iluminista e “cientificista”, visto que o escritor do livro busca contar a história com fatos.⁶ Como Brevard S. Childs afirmou: “A maneira como o leitor é constantemente informado sobre as fontes usadas que sua composição contradissesse suas fontes. Não estava procurando reescrever a história nem fornecer inform-

O aparecimento de Elias e o começo da história de seu ministério estão envoltos num contexto histórico, sociorreligioso e compreensão do texto e de sua teologia. A narrativa de 1Reis 17 está estruturada em uma lógica linear, juntamente com a mostrar a luta pelo estabelecimento da adoração de Yahweh contra as forças de Baal.⁸ Diante disso, este estudo aborda os relacionados à narrativa de Elias e da viúva de Sarepta, a fim de compreender a teologia subjacente do texto.

1. O contexto histórico e sociorreligioso de Israel

O final do capítulo 16 de Reis relata o início da dinastia de Omri, após quatro anos de guerra civil entre o grupo que se aliara a Tibni, filho de Ginate (16.21). Omri, provavelmente contando com o apoio do exército, obteve vitória sobre a rival e reinou por doze anos (885-874 a.C.) e estabeleceu Samaria como a nova capital do reino, onde viveu nos últimos seis anos várias alianças militares e comerciais com Judá, Damasco e Fenícia,¹¹ além da conquista do território de Moabe.¹²

Da aliança com a Fenícia, surgiu o casamento de Acabe, seu filho, com Jezabel, filha do rei de Tiro, Etbaal (c.a. 878 a.C.). A idolatria perversa lançadas pelo pai (16.25-26), Acabe (874-853 a.C.) deu continuidade à infidelidade pactuada e influenciado por sua esposa fenícia, de forma aberta e descarada, mediante a construção do templo a Baal em Samaria (1Reis 16.33).¹⁴ A influência política, cultural e religiosa de Acabe e sua esposa Jezabel por mais de vinte anos foi tamanha que as narrativas de Elias.¹⁵

A religião cananeia de Baal se baseava no princípio de que os deuses eram personificações de forças e objetos da natureza, frutos da observação das flutuações das estações anuais e da tentativa de explicá-las, levantando o véu e explorando o que movimentavam a natureza externa.¹⁷ *Baal*, o “senhor”, deus da tempestade, representado por um touro, havia sido traído em Canaã, com a migração dos amorreus para a região. A tendência foi a ascendência de *Baal*, por ser o deus da tempestade e adoração cananeia.

Consequentemente, criou-se o mito de *Baal*, em que se retrata a luta de *Baal* contra *El*, sua vitória sobre este e a tomada de Ajudado por sua irmã, *Anate*, a deusa da Guerra, *Baal* vence os deuses do mar caótico, *Yammu*, e da morte, *Motu*.¹⁸ Assim, o mundo, defendendo seu povo e trazendo a fertilidade e prosperidade agrícola.¹⁹

A perversidade da religião ocorria na reencenação do mito, especialmente na relação sexual entre *Baal* e *Astarte*, pois dependia do sêmen derramado por *Baal* durante a coabitação. Consequentemente, havia os prostitutos e prostitutas principais no drama.²⁰ Tal prostituição era claramente proibida na Lei hebraica (e.g. Dt 23.17-18).

Opondo-se a este contexto religioso perverso propagado por Acabe e sua família, “os que procuram servir a Yahweh disseminada entre o povo de que já não dá mais para pôr a fé mosaica [de] Israel em prática”.²¹

O sumário do reino de Acabe (16.29-33), portanto, serve de prólogo para a história de Elias, identificando seu patrocínio.

contra o qual o profeta lutará.²² A descrição enfática de seu terrível pecado dá origem à resposta do profeta: “[Acat YHWH, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele” (16.33). A entrada abrupta de Elias e sua Israel, decretou a seca (17.1), ligam o reino e a apostasia de Acabe com a moldura das narrativas proféticas a seguir

*A FENÍCIA ESTAVA, UMA VEZ MAIS, EXERCENDO S
SOBRE OS NEGÓCIOS ISRAELITAS E O PROFETA É
COMO UM Oponente DO SINCRETISMO RELIGIOS
O BAAL DE TIRO ... O NOME DO PROFETA, ELIAS (‘Y
RESUME SUA MISSÃO, A QUAL ERA MOSTRAR QUE
É DEUS’ (1RS 18.39).²⁴*

2. A apresentação e narrativa inicial do ministério de Elias (1Reis 17.1-7)

A apresentação do profeta Elias ocorre de forma brusca e, até mesmo, enigmática.²⁵ Não se tem nenhuma menção fórmula introdutória profética como “Assim diz o SENHOR”.²⁷ É apresentado como natural da cidade de Tisbe, talvez (*mittōšābē*) da região de Gileade (17.1).²⁸ É possível que sua entrada no palácio de Acabe fosse a de um profeta de

A palavra de Elias é direta e clara, como um servo representante de Yahweh (‘*āšer ‘āmaḏtī*),³⁰ o Grande Rei de Israel, que não cairá chuva ou orvalho nos anos que viessem, a não ser mediante sua palavra (17.1).³¹ Há em tal pronúncia que Deus julgaria seu povo pela infidelidade, conforme havia anunciado na aliança com Israel (Dt 11.16-17; 28.23-24 contra Baal, o deus da chuva cananeu, que é incapaz de impedir a seca.³³

Na mitologia ugarítica, a seca estava relacionada à derrota de Baal perante *Mot*, o deus da chuva. A morte de Baal tr ilustra o seguinte texto de sua entrada nas entranhas de *Mot*:

*BAAL ENTRARÁ EM SEU INTERIOR
SIM, DESCEU PARA DENTRO DE SUA B
COMO UMA ÚNICA AZEITONA,
O PRODUTO DA TERRA,
E O FRUTO DAS ÁRVORES,
FERIDO DE MEDO ESTAVA O TODO-PODERO
CHEIO DE TEMOR, O QUE CAVALGA SOBRE A.*

O anúncio de Yahweh sobre a falta de chuva e a concretização dessa mensagem, cujo início ocorre já em 1Reis 17.7 cananita que atribuía a Baal a estação e o derramamento da chuva sobre a terra, depois de derrotar *Mot* e ressurgir o derramamento de chuva estava ligado à história de Baal obtendo uma casa para si e derramando chuva sobre os ha que vivia:

*BAAL FEZ CHOVER NA TERRA,
E NOS CAMPOS, O TODO-PODEROSO, O A*

QUE UMA JANELA SEJA ABERTA NA C UMA ABERTURA NO MEIO DO PALÁC QUE UMA FENDA SEJA ABERTA NA NU

Assim, não apenas o poder de Baal é posto em cheque, como sua própria existência, visto que permanece morto no terra. Apenas Yahweh é o Deus Vivo (*hay yhw' 'ēlōhē*) que pode fazer chover ou reter a chuva.³⁸

O texto não descreve a reação imediata de Acabe, porém, mostra que Yahweh é capaz de proteger seu servo Elias d “esconde-te”; cf. 1Rs 18.10ss),³⁹ conduzindo-o para o leste do Jordão, junto ao riacho de Querite, um local desconh Acabe (17.2-3).⁴⁰ Ali, próximo ao riacho de Querite, Yahweh sustenta Elias mediante as águas do riacho e com pão obedecem às suas ordens, de maneira miraculosa (17.4-6; cf. *we'ēl hā'ōreḇīm šiwwītī leḵalkelkā* – v. 4). O uso de cor resalta o poder de Yahweh, visto que não é natural dos corvos sequer alimentar os próprios filhotes (cf. Jó 38.41).⁴ rastros, impedindo, assim, Acabe de encontrar o profeta.⁴³

O representante de Yahweh, diferentemente da liderança política nacional, obedece às suas ordens (17.5), exercita a ao riacho de Querite, até que as águas do ribeiro se secam e novas provisão, proteção e orientação são dadas pelo I

3. Elias e a Viúva de Sarepta: Análise Exegética e Teológica de 1Reis 17.8-24

Após as águas de Querite se secarem, devido à falta da chuva do outono,⁴⁵ como cumprimento da palavra profética mesma expressão do versículo 2 aparece no versículo 8: *wayehi deḇar yhw' 'ēlāyw l'ēmōr* (“E veio a palavra de YHW Palavra de Yahweh como orientadora de seu profeta e o próprio Deus como aquele que cuida de seu servo e provê a crise.⁴⁷ Primeiramente, supriu o alimento e a água de que Elias precisava por meio do Querite e dos corvos. Agora, i

Uma vez mais, Deus diz a Elias que caminhe (17.9 – *lēk*; cf. 17.3) e o envia para Sarepta (*šarpaṭā*; acádico – *šarpitu*) Sidom, na região de origem de Jezabel, esposa de Acabe, e governada por seu pai, Etbaal (cf. 16.31). Tal localidade religião de Baal.⁴⁸ Elias deveria permanecer neste local, pois, Yahweh havia ordenado a uma viúva para que o alimer passagem: o mesmo verbo que descreve a ordem de Deus aos corvos é usado na ordem de Deus à viúva (*šiwwītī* – aos dois, “te sustentem” (v. 4 – *leḵalkelkā*) e “te sustente” (v. 9 – *leḵalkeleḵā*). “Este Deus do universo dignou-se em profeta. Elias foi sustentado em Querite e em Sarepta”.⁵⁰

Em obediência à ordem de Yahweh, Elias vai (17.10 – *wayyēlek*; cf. 17.5) até Sarepta e lá encontra uma viúva, colher cozinhar sua comida, a quem pede um pouco de água (*me'aṭ-mayim*), e ela atende imediatamente o pedido do profe pedaço de pão (17.11 – *leḥem*), algo que os corvos foram capazes de lhe prover (17.6), mas descobre que, assim cc Oriente Antigo,⁵¹ a situação dela era miserável quase a ponto da morte (17.12).

O DUPLO PEDIDO DO PROFETA NOS VV. 10B, 11
ENFATIZAR A SITUAÇÃO DESESPERADORA, DE MO
O CAMINHO PARA O MILAGRE. ELE PEDIA UM PC
NUM MOMENTO DE SECA SEVERA E UM PEDAÇO
VIÚVA QUE ESTAVA LUTANDO PARA ALIMENTAR A
FILHO.⁵²

Enquanto Elias pede um pedaço de pão, a mulher responde que não possui sequer um pedaço de bolo assado (*mā'c farinha e o azeite que possuía* (cf. 17.13).⁵⁴ Embora a farinha estivesse guardada em um jarro de barro, razoavelmer

e o azeite era “pouco” (*me’at*) (17.12).

O profeta, então, exorta a mulher a não ter medo (*‘al tîre’î* – 17.13) da situação e a confiar na palavra do servo de Yah acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até o dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra” (17.14).⁵⁶ Isso implica provisão, e não em Baal (17.14). Enquanto para Acabe, o rei israelita apóstata, Elias anuncia da parte do “Deus de Israel” a falta de alimento (17.1), para esta viúva fenícia, ele anuncia o suprimento se ela confiasse na palavra de Yahweh (17.14).

A dura prova à qual a mulher fora submetida era alimentar, primeiro, o representante de Yahweh, Elias, antes de cozinhar, que o “Deus de Israel” supriria, então, as necessidades suas e de sua casa até o fim da seca (17.13-14).⁵⁷ “Isto era a prova”.

A viúva responde de forma obediente à palavra de Elias, fazendo exatamente como ele lhe dissera (17.15) e demonstrando a importância de Baal, proveria a farinha e o óleo, elementos da dieta básica de uma família no Oriente antigo, conforme as necessidades. No modo que Elias obedecera à ordem de Yahweh para ir até Sarepta, a viúva obedeceu à palavra do profeta e ambos e Israel”.⁶⁰

No versículo 17, um tom de suspense é acrescentado ao texto. Após sobreviverem à fome causada pela seca, o filho morre gravemente (*hōlyô hāzaq me’ōd*), “até que não restou nele fôlego” (*‘aḏ lō’ nōtērâ bô nešāmâ*). Esta última expressão com a morte do filho da viúva, tanto por ser uma declaração climática que aponta para o estágio final do agravamento da condição “morrer” (*mūt*) em 17.18, 20 e do conceito do retorno da alma para o corpo em 17.21-22.⁶¹ “Que estas palavras não sejam apenas um real falecimento, é evidente pelo que segue, quando Elias trata o garoto como morto, e o Senhor, em resposta, o revive”.⁶²

A mulher se dirige a Elias em desespero e pergunta o que ela fizera para que seu filho morresse daquele jeito (17.18 “você interferiu na minha vida?”).⁶³ Ela concluiu que a presença de Elias em sua casa como “homem de Deus”, em que trouxe à tona algum pecado oculto que ela mesma não havia percebido.⁶⁴ A mulher entendia, então, que a morte do filho era uma falta.⁶⁵ Ao mesmo tempo, seu questionamento é uma crítica ao profeta que havia sido capaz de preservar a vida da família, para, depois, tirar a vida do menino.⁶⁶

Elias toma o menino dos braços da mãe e o leva para cima, em seu quarto (17.19). Este tipo de cômodo era construído por uma escada externa. Isso garantia não somente a privacidade da viúva, como também protegia a reputação dela. Ela reflete sua perplexidade quanto à razão para a morte do garoto (17.20), não é uma acusação contra Deus,⁶⁸ mas uma expressão de compaixão por aquela viúva que o tem tratado com bondade como profeta de Yahweh (“esta viúva com quem estou me relacionando” *também sobre esta viúva ... trouxeste desgraça*) (*hāgām ‘al hā’almānâ ... hārē’ōtā*), deve ser uma referência à provisão, não uma reprovação.⁷⁰

O gesto de Elias, ao esticar seu corpo sobre o menino (17.21), pode ter ocorrido com a intenção de transferir calor e vida, ainda que cresse que o retorno da vida ao jovem dependia apenas de Yahweh;⁷¹ também pode ser um ato simbólico de poder doador de vida de Yahweh.⁷² A oração do profeta revelou uma fé viva e ativa que se derramou, completamente, e ele rogou intensamente por sua ajuda (17.21).⁷³

O Deus de Elias “ouve a voz” (*wayyišma’ yhwh beqōl*) de seu servo (17.22), uma indicação de que respondeu à súplica “e voltou a alma ... sobre o seu íntimo e viveu”; cf. 2 Sm 22.7ss; 1Rs 9.3ss; *passim*). Por isso, o profeta pode levar o nome de Yahweh (17.23).

A confissão da viúva, no final da perícope, é uma forte declaração, pronunciada por uma ex-adoradora de Baal, sobre o profeta (17. 24). A expressão “homem de Deus” nos versículos 18 e 24 forma a moldura da narrativa final. Primeiramente, poderosa, mas que promove a morte do filho da dona da casa, sendo, portanto, amargamente criticado por ela (v. 18). A expressão “homem de Deus”, relacionada a Elias, indica um gesto de gratidão da viúva, ao perceber o cuidado de Yahweh para além da confissão de que a verdade de YHWH está na sua boca.⁷⁴

Diferente dos mitos de Baal e dos pronunciamentos de seus profetas, que prometiam chuva, fertilidade e vida aos agricultores, diante da seca, infertilidade da terra e miséria generalizada, a palavra de Yahweh mediante Elias é a “verdade” (*‘ēmeṭ*).

Robert Cohn indentificou uma estrutura quiasmática na narrativa de 1 Reis 17.18-24 que possui como seu centro a c conceder vida e a íntima relação de Elias com Yahweh como mediador de Sua palavra e poder.⁷⁶

- A. “O que tu tens contra mim, ó, homem de Deus?!” (v. 18)
- B. “Dê-me o seu filho” (v. 19a)
- C. Tomou-o e o levou para cima. (v. 19b)
- D. E ele clamou ao Senhor e disse: “Ó, Senhor, meu Deus!” (v. 20)
- E. E ele se estendeu sobre o rapaz. (v. 21a)
- D’. E ele clamou ao Senhor e disse: “Ó, Senhor, meu Deus!” (v. 21b)
- E’. E o Senhor ouviu a voz de Elias. (v. 22)
- C’. E Elias tomou a criança e o levou para baixo. (v. 23a)
- B’. “Vê! O teu filho vive!” (v. 23b)
- A’. “Agora, eu sei tu és um homem de Deus” (v. 24)

4. Implicações Teológicas

Algumas implicações teológicas subjacentes à passagem de 1Reis 17.8-24 devem ser realçadas. Primeiramente, ac representado em termos reais, já que a função do rei ideal no Oriente antigo era cuidar dos oprimidos da sociedade, é o “Rei Poderoso, amigo da justiça” (Sl 99.4) que “julga os pobres com justiça” e cujo trono “estará sempre seguro” viúvas é Deus em sua santa morada” (Sl 68.5). Yahweh é o Grande Rei de Israel, mas não apenas de seu povo, Ele é, de todas as nações” (99.1-2), como sua ação em Sarepta, na Fenícia, deixa claro.

Além disso, Baal era reconhecido como “o Príncipe, o Senhor da Terra” e, na estela de Ras Shamra, desenhado segui planta ou árvore sagrada.⁷⁸ Baal era chamado de “Filho de Dagan”, o deus do cereal e dos alimentos,⁷⁹ uma divinda Baal gozava de tal reputação agrária.⁸⁰ Na própria literatura cananita, a morte e ressurreição de Baal estavam claras morte de Baal implicava esterilidade do solo, já sua ressurreição promovia a fertilidade da terra. A vitória de Baal sol *Anate*, significava o retorno da fertilidade à terra. Caso a esterilidade continuasse, isso seria sinal de que Baal perma mundo inferior.⁸¹

Diante dessas observações, juntamente com o fato de que a seca atingira até mesmo a Fenícia, o centro cultural de l expõe de forma clara que Yahweh é o único Deus capaz de promover fertilidade e fartura de alimento na própria “ter aprisionado no mundo inferior, derrotado por Môt, Yahweh demonstra sua supremacia e soberania sobre a morte, pr concedendo vida ao seu filho, como o Deus Vivo e Verdadeiro Rei.⁸²

O que o editor de Reis busca demonstrar é que somente Yahweh tem o poder da vida sobre a morte e que, se Israel vida e fertilidade na Terra Prometida, precisará abandonar Baal e se voltar para o “Deus de Israel”. Baal não é apenas existe. Portanto, é tolice adorá-lo. Somente “YHWH é Deus” (1Rs 18.39).⁸³

Por fim, a história, também, destaca que o propósito de Deus em abençoar todas as famílias da terra por meio da se e Ele o faz por meio de Elias na narrativa, mas também mediante aqueles que permanecem fiéis ao Yahwismo, com frente (cf. 2Rs 5.1-27).⁸⁴ Ao mesmo tempo, a advertência profética em Deuteronômio 32.21 de que Deus faria com não era o seu, quando a nação fosse infiel a Yahweh (Dt 32.15-22), encontra, também, cumprimento nesta passager sede por sua apostasia (1Rs 18.ss), uma viúva gentia é abençoada por sua fé e obediência à Palavra de YHWH.⁸⁵

¹Roland K. HARRISON. *Introduction to the Old Testament*. Peabody: Hendrickson, 2004. p. 726-729; Richard D. PATTE In: Frank E. GAEBELEIN (ed.). *The expositor's Bible commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1992. vol. 4. p. 4; J. Rober (Org.). *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003. p. 516; Norman K. GOTTWALD. *Introdução socioliterária à Bíblia he*

²Veja a questão, de forma detalhada, em Gwilym H. JONES. *1 and 2 Kings*. Grand Rapids: Eerdmans, 1984. vol. 1. p. 6 a conclusões desnecessárias, como a de que a narrativa de 1Reis 17.7ss. não esteve originalmente relacionada a El

uma discussão mais resumida sobre o processo de compilação: Anthony F. CAMPBELL, Mark A. O'BRIEN. *Unfolding upgrades, present text*. Minneapolis: Fortress, 2000. p. 392.

³S. J. SCHULTZ. "Kings, books of". In: Merril C. TENNEY (ed.). *The Zondervan pictorial encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1975. p. 318.

⁴Paul R. HOUSE. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005. p. 318.

⁵Norman Gottwald e Osvaldo L. Ribeiro são exemplos nítidos da esquizofrenia da alta crítica bíblica. Enquanto o primeiro e Eliseu eram histórias religiosas populares, confeccionadas pelas camadas mais pobres da sociedade como um mito institucionalizado, o segundo defende que a narrativa de Elias em 1 Reis 17 era uma obra literária produzida por círculos manipuladores e explorar a população campesina. Cf. Norman K. GOTTWALD. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 252.

⁶Paul R. HOUSE. *Teologia do Antigo Testamento*. p. 317.

⁷Brevard S. CHILDS. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress, 1979. p. 289. Jones afirma "em contraste com a atitude cética anterior quanto ao seu valor histórico ... há no presente uma tendência de aceitar essencialmente confiável" (Ver Gwilym H. JONES. *1 and 2 Kings*. vol. 1. p. 302).

⁸Robert L. COHN. "The literary logic of 1 Kings 17-19". *Journal of Biblical Literature*, vol. 101, n. 3, 1982. p. 333-334.

⁹James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". In: *Avraham restoration: essays in honor of Roland K. Harrison*. Grand Rapids: Baker Book House, 1988. p. 20; Norman K. GOTTWALD. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. p. 251-252.

¹⁰Thomas L. CONSTABLE. *Notes on 1 Kings*. [s.l.]: 2007. Disponível em <http://www.soniclight.com>. Acessado em Junho de 2008.

¹¹Norman K. GOTTWALD. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. p. 252.

¹²Gwilym H. JONES. *1 and 2 Kings*. vol. 1. p. 269.

¹³James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 20.

¹⁴J. Robert VANNOY. "1 e 2 Reis". p. 558.

¹⁵C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. Edinburgh: T&T Clark, 1872. p. 229.

¹⁶Carlos Osvaldo PINTO. *História do Oriente Médio Antigo*. Atibaia: Seminário Bíblico Palavra da Vida (SBPV), 2005. (Mestrado em Teologia). p. 38; Eugene H. MERRILL. *História de Israel no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 1978. p. 164.

¹⁷Vivian R. JACOBS, Isaac R. JACOBS. "The myth of Môt and 'Al'eyan and Ba'al". *Harvard Theological Review*, vol. XXV, n. 1, 1932. p. 1-12.

¹⁸Eugene H. MERRILL. *História de Israel no Antigo Testamento*. p. 164.

¹⁹Robert B. CHISHOLM Jr. "Yahweh versus the canaanite gods: polemic in judges and 1 Samuel 1-7". *Bibliotheca Sacra*, vol. 116, n. 463, 1957. p. 333-344.

²⁰Eugene H. MERRILL. *História de Israel no Antigo Testamento*. p. 164; Carlos Osvaldo PINTO. *História do Oriente Médio Antigo*. Atibaia: Seminário Bíblico Palavra da Vida (SBPV), 2005. p. 38.

²¹Paul R. HOUSE. *Teologia do Antigo Testamento*. p. 329.

²²Robert L. COHN. "The literary logic of 1 Kings 17-19". p. 335.

²³Idem. Ibidem; Thomas L. CONSTABLE. *Notes on 1 Kings*. p. 57.

²⁴Gwilym H. JONES. *1 and 2 Kings*. vol. 2. p. 302.

²⁵Carlos Osvaldo PINTO. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 323.

²⁶Gwilym H. JONES. *1 and 2 Kings*. vol. 2. p. 301.

²⁷C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. p. 234.

²⁸Ver nota em Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". p. 138. Cf. C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. p. 234.

²⁹Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". p. 138.

³⁰A expressão indicava aquele que se colocava diante do rei como seu servo (J. Robert VANNOY. "1 e 2 Reis". p. 564. *Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. Peabody: Hendrickson, 2008. p. 763-764.

³¹A frase *hay yhwh 'elôhê* expressava uma fórmula de juramento. Ver F. BROWN, S. DRIVER, C. BRIGGS. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. Peabody: Hendrickson, 2008. p. 763-764.

³²Thomas L. CONSTABLE. *Notes on 1 Kings*. p. 58.

³³J. Robert VANNOY. "1 e 2 Reis". p. 564.

³⁴Citado em James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 20.

³⁵Thomas L. CONSTABLE. *Notes on 1 Kings*. p. 58; James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 20.

³⁶Citado em James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 20.

³⁷Citado em Idem. Ibidem.

³⁸Homer HEATER Jr. "Uma Teologia de Samuel e Reis". In: ZUCK, Roy B. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 1978. p. 164.

³⁹Robert L. COHN. "The literary logic of 1 Kings 17-19". p. 335; C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. p. 234.

- ⁴⁰Gwilym H. JONES. 1 and 2 Kings. vol. 2. p. 304.
- ⁴¹F. BROWN, S. DRIVER, C. BRIGGS. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. p. 788.
- ⁴²Thomas L. CONSTABLE. *Notes on 1 Kings*. p. 58.
- ⁴³James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 21.
- ⁴⁴Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". Op cit. p. 138; C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. p. 2.
- ⁴⁵Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". p. 139.
- ⁴⁶Gwilym H. JONES. 1 and 2 Kings. vol. 2. p. 305.
- ⁴⁷Anthony F. CAMPBELL, Mark A. O'BRIEN. *Unfolding the deuteronomistic history: origins, upgrades, present text*. p. 39. Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 22.
- ⁴⁸J. Robert VANNOY. "1 e 2 Reis". p. 564-565; CONSTABLE, Thomas L. *Notes on 1 Kings*. p. 59.
- ⁴⁹Robert L. COHN. "The literary logic of 1 Kings 17-19". p. 335; James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 21-22.
- ⁵⁰Homer HEATER Jr. "Uma Teologia de Samuel e Reis". p. 153.
- ⁵¹Ver as análises de Roland de VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 63; orphan, and the poor in the Old Testament and extra-biblical literature". *Bibliotheca Sacra*, vol. 130, n. 519, July-August 1973.
- ⁵²Gwilym H. JONES. 1 and 2 Kings. vol. 2. p. 306.
- ⁵³J. W. GESENIUS. *Hebrew and English lexicon of the Old Testament including the biblical Chaldee*. [s.l.]: Andover, 1824.
- ⁵⁴Ver a nota em Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". p. 140.
- ⁵⁵Gwilym H. JONES. 1 and 2 Kings. vol. 2. p. 306.
- ⁵⁶Veja o uso claro no Salmo 56.4, em que "não temer" (*lō' 'îrā*) a circunstância externa difícil é resultado de "confiar no Senhor". BOWLING. "יָרָא". In: Laird R. HARRIS, Gleason L. ARCHER Jr., Bruce K. WALTKE (orgs.). *Dicionário internacional de teologia hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 655.
- ⁵⁷Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". p. 139-140.
- ⁵⁸Gwilym H. JONES. 1 and 2 Kings. vol. 2. p. 306.
- ⁵⁹Thomas L. CONSTABLE. *Notes on 1 Kings*. p. 59-60.
- ⁶⁰Robert L. COHN. "The literary logic of 1 Kings 17-19". p. 335-336; Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". p. 139-140.
- ⁶¹Gwilym H. JONES. 1 and 2 Kings. vol. 2. p. 307-308.
- ⁶²C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. p. 239.
- ⁶³Veja a mesma expressão idiomática hebraica em Jz 11.12; 2Sm 16.10; 19.22.
- ⁶⁴J. Robert VANNOY. "1 e 2 Reis". p. 565; Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". p. 140-141; H. DAVIDSON (ed.). *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 367.
- ⁶⁵Gwilym H. JONES. 1 and 2 Kings. vol. 2. p. 308.
- ⁶⁶James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 23; J. Robert VANNOY. "1 e 2 Reis". p. 565.
- ⁶⁷Richard D. PATTERSON, Hermann J. AUSTEL. "1 and 2 Kings". p. 141.
- ⁶⁸Conforme Robert L. COHN. "The literary logic of 1 Kings 17-19". p. 336-337.
- ⁶⁹C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. p. 239.
- ⁷⁰Idem. Ibidem.
- ⁷¹J. Robert VANNOY. "1 e 2 Reis". p. 565.
- ⁷²Thomas L. CONSTABLE. *Notes on 1 Kings*. p. 60; Gwilym H. JONES. 1 and 2 Kings. vol. 2. p. 308; C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. p. 240. técnica parecida mais à frente com o filho da mulher Sunamita (2 Rs 4.34), e o mesmo ato simbólico é realizado por Êutico.
- ⁷³C. F. KEIL. *The Book of the Kings*. p. 240.
- ⁷⁴Robert L. COHN. "The literary logic of 1 Kings 17-19". p. 336.
- ⁷⁵F. BROWN, S. DRIVER, C. BRIGGS. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. p. 54.
- ⁷⁶Robert L. COHN. "The literary logic of 1 Kings 17-19". p. 336.
- ⁷⁷Richard D. PATTERSON. "The widow, the orphan, and the poor in the Old Testament and extra-biblical literature". p. 1.
- ⁷⁸James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 22.
- ⁷⁹Idem. Ibidem.
- ⁸⁰Idem. Ibidem.
- ⁸¹Idem. Ibidem.

⁸²Paul R. HOUSE. *Teologia do Antigo Testamento*. p. 330.

⁸³James R. BATTENFIELD. "YHWH's Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha". p. 23.

⁸⁴Paul R. HOUSE. *Teologia do Antigo Testamento*. p. 335.

⁸⁵J. Robert VANNOY. "1 e 2 Reis". p. 565.